



ALMEBRAS



DISCURSO DE POSSE NA ACADEMIA DE LETRAS DOS MILITARES ESTADUAIS DO BRASIL E DISTRITO FEDERAL

Eminente Presidente da Academia de Letras dos Militares Estaduais do Brasil e Distrito Federal (ALMEBRAS), Acadêmico Roberto Rodrigues de Menezes.

Excelentíssimas Autoridades que compõem a mesa diretora.

Eminente Acadêmico Ubirajara Anchieta Rodrigues, que ora nos recepciona.

Eminentes Acadêmicos dos Estados de Santa Catarina, Rio Grande do Sul, Paraná, Distrito Federal, São Paulo, Rio de Janeiro, Pará, Minas Gerais, Goiás e Tocantins.

Eminente Acadêmico maranhense Raimundo de Jesus Silva que ora toma assento à cadeira nº 20, patroneada pelo escritor Manuel Francisco Pacheco.

Eminente Acadêmico maranhense Sebastião Bispo Lopes, que ora toma assento na cadeira nº 21, patroneada pelo poeta Antônio Gonçalves Dias.

Eminente Acadêmico paraibano José Walber Rufino Tavares, que ora toma assento na cadeira nº 22, patroneada pelo.

Meus familiares queridos familiares, aqui representados pela minha consorte, Sra. Fabiane dos Santos Santana Moreira, meu filho Carlos Augusto Furtado Moreira Filho.

Gostaria de agradecer a presença dos meus nobres amigos que nos prestigiam com as suas presenças: Gen. Bda Selmo Umberto Pereira, CMG Marcos Tadashi Hamaoka / Sra. Sonia Pacheco Hamaoka, GMG Winston Rodrigues Lima, Cel PMDF Roberto Miguel Bulat, Cel CBMDF Marcio Neder Paiva de Souza, Economista Consultor em Finanças Antônio Lucena Benevenuto / Sra. Alda Stela Ribeiro Lima, Perito do Mecanismo Nacional de Prevenção e Combate à Tortura José Ribamar de Araújo e Silva, Secretária executiva, Dra. Maria do Carmo Guimarães.

Ilustres convidados.

Senhoras e Senhores, boa noite!

Academia vem do grego antigo (transliterado *Akadémeia*), derivado de *Akádēmos*. A designação provém da escola de filosofia que Platão fundou na Grécia Antiga, aproximadamente entre 384/383 a.C. nos jardins localizados no subúrbio de Atenas, em terreno dedicado à deusa Atena que, segundo a tradição, pertencera a uma personagem mitológica com o nome de Academo.

Também chamada de Academia Platônica, Academia de Atenas ou Academia Antiga, durante muito tempo, a criação desta Academia foi considerada uma associação religiosa consagrada às musas, dado que as leis do Estado ateniense

não contemplavam a possibilidade de um estabelecimento semelhante ao que Platão queria construir, assim, o filósofo escolheu a única forma de abrir juridicamente e legalmente seu espaço: fez reconhecer sua Academia como comunidade consagrada ao culto das Musas de Apolo.

O mais importante que ali era buscada a dialética socrática, ou seja, o saber pelo questionamento e pelo debate.

Senhoras e Senhores.

Transposto os umbrais da Academia de Letras dos Militares dos Estados e do Distrito Federal, recorro a generosidade de todos para que me permitam fazer uma rápida digressão contextualizada até chegarmos a gloriosa ALMEBRAS.

ACADEMIAS LITERÁRIAS NO MUNDO

É a partir do Renascimento (movimento de ordem artística, cultural, científico, econômico e político que se deflagrou na passagem da Idade Média para a Moderna), surgido na Itália nos meados do século XIV, consolidando-se no século XV e que se estende até o século XVII por toda a Europa é que vai se delinear o gosto de homens cultos por associações e impulsionar o surgimento de academias em quase todas as cidades europeias.

Estas informações se encontram nas fontes primárias: *Academias Literárias dos Séculos XVII e XVIII* de João Ferreira Palma, publicada em Lisboa pela Biblioteca Nacional, em 1982; *História Social da Arte e da Literatura* de Arnold Hauser, publicada em São Paulo, pela Editora Martins Fontes, s/d e *História dos Estabelecimentos Científicos, Literários e Artísticos de Portugal* de João Silvestre Ribeiro, 18 v., publicada em Lisboa, pela Tipografia da Real Academia de Ciências, em 1871.

No ano de 1570, surge em Paris, a Academia do Palácio, a primeira a receber o nome de Academia Francesa, no reinado de Carlos IX.

Já em 1582, surge a Academia de Florença, chamada *Della Crusca* ou do *Farelo* - pois nas questões linguísticas dizia: separar o joio do trigo, limitando o seu ingresso sob o lema "*Il più bel fior ne coglie*" (algo como "a fina flor colhida").

Com esta ideia de debates, diversas instituições literárias surgiram na França, entre as décadas de 1620 a 1630.

Mas é em 1635, que surge a *Académie Française*, fundada por Richelieu, sob o reinado de Luís XIII e que se transformou na matriarca de todas as Academias. É uma das mais antigas instituições francesas, composta por quarenta membros, os «Quarenta», os «Imortais», muitas outras vieram das quais apenas a francesa subsistiu, tendo também sido a única oficializada pelo Estado.

O modelo da *Académie Française* inspirou a fundação da Academia Brasileira de Letras, fundada em 20 de julho de 1897, ou seja, 262 anos depois.

INSTITUIÇÕES LITERÁRIAS NO BRASIL

Uma das principais características da atividade intelectual do século XVIII é a reunião de letrados em academias, tanto com objetivos científicos quanto literários. Nesse mister o termo "Academia" não representa apenas a reunião periódica de um determinado grupo com estatutos préformulados, nem mesmo a reunião de alunos sob a batuta de um mestre. A Academia do século XVIII representa também a reunião

de letrados por um dia, uma tarde, ou mesmo algumas horas. Assim as Academias se formavam tanto por um grande objetivo, como a redação da História da Nova Lusitânia, quanto por um fato isolado, como, por exemplo, a homenagem devido à chegada de um nobre à Colônia ou à morte de uma princesa, como se observa no ato acadêmico publicado em 1691. O ato se referia às exéquias públicas, por ocasião do falecimento da princesa portuguesa dona Isabel Luisa Josefa. Este ato é composto principalmente pela oração fúnebre recitada pelo vigário de Recife na cidade de Olinda.

No Brasil, pode-se considerar o ano de 1724 como o primeiro ano ou o ANO 1 do movimento acadêmico.

Assim, foi fundada na cidade de Salvador, Bahia em 1724, sob o patrocínio do vice-rei D. Vasco Fernandes César de Meneses a ACADEMIA BRASÍLICA DOS ESQUECIDOS. Sua origem está ligada aos movimentos nativistas que eclodiam no Brasil, por meio de conflitos que opunham os naturais contra os portugueses, determinando nos primeiros o despertar do interesse pela descrição literária da natureza e história do Brasil.

Não se desconsidera a existência de Academias anteriores aos “Esquecidos”, uma vez que estas são referidas pelos próprios acadêmicos, tal como afirmou José da Cunha Cardoso “[...] precedeu a esta outras doudas academias, que infelizmente não deixaram memória [...]” Apud. CASTELLO, J. A. *O Movimento Academicista no Brasil*. São Paulo. op. cit. v. 1, t. 1, p. 223. . Contudo, foi com a reunião dos esquecidos que o movimento acadêmico tomou impulso e se espalhou pelas principais cidades brasílicas.

Entre 1733 e 1763 foi governador e capitão-general do Rio de Janeiro, o português Antônio Gomes Freire de Andrade, que realizou uma brilhante administração e por tal recebeu a incumbência de em 1735 administrar as Minas Gerais e em 1748 além de governador da Capitania do Rio de Janeiro, acumulou o comando dos territórios de Minas Gerais, São Paulo, Mato Grosso e Sul do Brasil.

Ao mesmo tempo que prestava atenção aos interesses materiais do país sujeito a seu domínio, atendia à instrução e ao amor pela literatura, empregando os meios possíveis para o seu desenvolvimento. A ele se deve o estabelecimento da primeira oficina tipográfica do Rio de Janeiro de Antônio Isidoro da Fonseca, a qual durou pouco, porque a iniciativa desagradou ao governo da metrópole que ordenou o fechamento.

É importante registrar que segundo os historiadores Ferreira de Carvalho e Pereira da Costa, argumentam que Recife teve a primeira impressora do Brasil, entretanto, o tipógrafo é desconhecido. Por outro lado, Serafim Leite, em “Artes e Oficinas dos Jesuítas no Brasil”, relata que a impressora funcionou de 1703 a 1706, e defende que o tipógrafo era um jesuíta, Antônio da Costa, outrossim, não há nenhuma prova da existência de tal impressora.

Mas voltando ao governador Antônio Gomes Freire de Andrade, tal era seu amor pela literatura que realizou duas tentativas e chegou a fundar duas academias.

A ACADEMIA DOS FELIZES em 06 de maio de 1736, tendo como fundador-presidente: Dr. Matheus Saraiva, formado em medicina em Lisboa onde se casou com uma brasileira do Rio de Janeiro. Veio ao Brasil em 1723. Noticia-se que a sociedade desapareceu em 28 de fevereiro de 1740.

A ACADEMIA DOS SELETOS tem sua data de fundação provável em 1751 ou início de 1752. Entretanto, a única sessão que realizou foi a 30 de janeiro de 1752,

em louvor de seu fundador que acabava de ser levado ao posto de Mestre de Campo Geral.

Em 06 de junho de 1759, sob os auspícios do conselheiro do ultramar José Mascarenhas Pacheco Pereira Coelho de Melo é fundada em Salvador a ACADEMIA BRASÍLICA DOS RENASCIDOS. Seu nome derivava na pretensão de ressurgir a extinta Academia Brásilica dos Esquecidos.

Foi inaugurada em sessão festiva (que durou uma tarde e uma noite) no templo dos religiosos Carmelitas Descalços e seu principal objetivo era escrever a história da América Portuguesa.

Com duração menor de que um ano, extinguiu-se com a prisão do seu idealizador e diretor perpétuo, condenado que fora por não ter dado cumprimento às ordens que trazia à Colônia, para dar perseguição aos jesuítas.

Passaram-se 135 anos para que voltasse a surgir um novo Silogeu. E foi exatamente no nordeste brasileiro que surgiu a ACADEMIA CEARENSE DE LETRAS (ACL) – fundada em 15/08/1894, portanto, a mais antiga existente no Brasil, 03 anos antes da ABL.

ACADEMIA BRASILEIRA DE LETRAS, foi fundada pelo escritor Machado de Assis em 20 de julho de 1897. Ele queria criar uma casa que pudesse tratar e cuidar das questões relativas à língua e à literatura do Brasil, participaram da fundação: Lúcio de Mendonça, Inglês de Sousa, Olavo Bilac, Afonso Celso, Graça Aranha, Medeiros e Albuquerque, Joaquim Nabuco, Teixeira de Melo, Visconde de Taunay e Rui Barbosa. Composta por quarenta membros efetivos e perpétuos (por isso alcunhados de imortais) e por vinte sócios estrangeiros.

A partir daí, vão ser fundadas as ACADEMIAS DE LETRAS DOS ESTADOS, onde em alguns intervalos históricos, surgirão sodalícios em alguns municípios brasileiros:

- Academia Paraense de Letras (APL) – 03/05/1900.
- Academia Pernambucana de Letras – 26/01/1901.
- Academia Rio-Grandense de Letras – 01/12/1901.
- Academia Maranhense de Letras – 10/08/1908.
- Academia Paulista de Letras – 27/11/1909.
- Academia Mineira de Letras – 25/12/1909
- Academia de Letras da Bahia – 07/03/1917.
- Academia Piauiense de Letras (APL) – 30/12/1917.
- Academia Amazonense de Letras (AAL) – 01/01/1918.
- Academia Alagoana de Letras (AAL) – 01/11/1919.
- Academia Catarinense de Letras (ACL) – 30/10/1920.
- Academia Mato-Grossense de Letras (AML) – 07/09/1921.
- Academia Espírito-Santense de Letras – 20/08/1922.
- Academia Sergipana de Letras – 1929.
- Academia Paranaense de Letras – 26/09/1936.
- Academia Norte-rio-grandense de Letras – 14/11/1936.
- Academia Acriana de Letras (AAL) – 17/11/1937.
- Academia Goiana de Letras (AGL) – 29/04/1939.
- Academia Paraibana de Letras (APL) – 14/09/1941.

Traçados esses dois recortes históricos, “an pasan”, sobre as ACADEMIAS LITERÁRIAS NO MUNDO e as INSTITUIÇÕES LITERÁRIAS NO BRASIL, um pouco tardiamente, vimos surgir as ACADEMIAS LITERÁRIAS MILITARES DOS ESTADOS BRASILEIROS, digo isso Cel Roberto porque as corporações policiais militares brasileiras, remontam a própria história do país, enquanto os Silogeus são relativamente jovens.

ACADEMIAS LITERÁRIAS MILITARES DOS ESTADOS BRASILEIROS

1) ACADEMIA DE LETRAS JOÃO GUIMARÃES ROSA

Fundada em 21 de agosto de 1995, por "audácia" do Coronel Ary Braz Lopes e mais 10 fundadores. Faz parte da Polícia Militar de Minas Gerais. Com 24 anos de vida, seu quadro possui 60 membros efetivos e mais de uma dezena de parceiros.

São nas palavras do atual presidente, Cel Klinger, em oração intitulada 24 anos de Caminhada, proferida na Sessão Solene no último dia 03Out2019 que retrata um perfil histórico da corporação e por conseguinte da Academia de Letras João Guimarães Rosa: *“Nesse terreno fértil, afloraram doutrinadores, historiadores, escritores e poetas. Homens que semearam e adubaram, fazendo surgir empreendimentos como as Escolas Caio Martins, Colégio Tiradentes, Revista Libertas, O Alferes... E, pioneiramente, Manuais de Estado-Maior e Emprego de Tropa, a obra Policiamento (Antônio Norberto dos Santos) e uma variedade qualitativa de Manuais de Instrução Policial. Recordemo-nos desses pensadores, guerreiros da Segurança Pública. Eles, em batalhões ou nos teatros de operação, ou em destacamentos interioranos, a maioria anônima, escreveram, muitas vezes com tintas de sangue, a história evolutiva de nosso Estado.”*

Patrono da Academia: João Guimarães Rosa (médico, oficial da PMMG, diplomata e escritor).

Atual presidente: Cel PMMG Klinger Sobreira de Almeida.

2) ACADEMIA BRIGADIANA DE LETRAS (ABRIL)

O poeta José Hilário Ajalla Retamozo, um dos maiores nomes das letras brigadianas, sempre teve o sonho de criar uma Academia de Letras que fosse capaz de unificar e realçar os escritores em geral pertencentes à Brigada Militar do Rio Grande do Sul. Infelizmente e para tristeza do mundo literário, ele faleceu sem ver realizado o seu sonho. Isto, no entanto, não esmoreceu aqueles que com ele conviviam e comungavam.

No dia 21 de abril de 2006, um grupo de brigadianos constituído por quatro oficiais e dois sargentos da Brigada Militar, fundaram o sodalício.

Reunidos em numa sala cedida pelo proprietário do jornal Correio Brigadiano, localizado na Rua Bispo William Thomas, 65, em Porto Alegre, foi iniciada a Assembleia Geral de fundação da ABRIL, definida como entidade cultural e instituída como pessoa jurídica de direito privado, sob a forma legal de associação civil de caráter permanente, sem fins econômicos e sediada na cidade de Porto Alegre, Estado do Rio Grande do Sul. Por aclamação foi eleita a primeira diretoria, capitaneada pelo Presidente, Cel Alberto Afonso Landa Camargo. A partir daí, a diretoria eleita elaborou os estatutos da entidade e fez o seu registro em Cartório de Títulos e Documentos, assim como o registro da primeira ata da assembleia geral de fundação, no dia 29 de março de 2007.

Nos anos seguintes, a mesma diretoria foi reconduzida, até que, em 18 de novembro de 2009, em seção interna realizada no Clube Farrapos, dos oficiais da Brigada Militar, a ABRIL foi definitivamente instalada e empossados os primeiros Acadêmicos. Em 21 de abril de 2010, o Acadêmico Afonso Landa foi novamente reconduzido, por aclamação, à presidência. O sodalício atualmente está sediado no Clube Farrapos, dos Oficiais da Brigada Militar.

Patrono da Academia: José Hilário Retamozo (Cel BMRS, poeta, escritor regionalista e nativista, professor, ensaísta e compositor)

Presidente atual: Cel BMRS Alberto Afonso Landa Camargo

3) ACADEMIA DE LETRAS DOS MILITARES ESTADUAIS DE SANTA CATARINA (ALMESC)

Criada em 01/10/2012, por iniciativa do coronel PMSC Roberto Rodrigues de Menezes, com o apoio do coronel RNR, o intelectual Edmundo José de Bastos Júnior e Francisco de Assis Vitovski, destacando-se a viabilização do projeto pelos comandantes gerais da PM e do CBM. A primeira solenidade oficial ocorreu na data de sua criação, com a constituição da ata, quando foram nomeados os componentes, respectivas cadeiras, elencados os patronos para cada cadeira dentre militares mortos que se destacaram culturalmente no exercício de suas atividades, eleita a diretoria, aprovados a tóga, o estandarte e a insígnia, também aconteceu também a primeira oração acadêmica, feita pelo coronel RNR Edmundo José de Bastos Júnior.

A inauguração oficial e pública, com convite extensivo a autoridades, familiares e amigos, quando os acadêmicos usaram inauguralmente a tóga e os padrinhos ou madrinhas de cada um lhes colocaram a insígnia, aconteceu no dia 25 de outubro de 2012, no auditório Antonieta de Barros da Assembleia Legislativa de Santa Catarina, em Florianópolis.

Patrono da Academia: Alferes Joaquim José da Silva Xavier (Tiradentes)

Presidente atual: Cel PMSC Roberto Rodrigues de Menezes

4) ACADEMIA MARANHENSE DE CIÊNCIAS, LETRAS E ARTES MILITARES (AMCLAM)

Um sonho acalentado durante mais de três décadas, por este que vos fala, tornou-se realidade, após convite a cientistas sociais, escritores e artistas da PMMA e CBMMA e civis, estes últimos, possuidores de ligações há mais de duas décadas com as instituições. 22 membros fundaram em 05/06/2018 a AMCLAM, assinaram a ata da assembleia geral, aprovaram o Estatuto, aclamaram a diretoria, conselho fiscal e consultivo e passaram a considerar a data de fundação, no dia 31/05, data natalícia do patrono escolhido, Brigadeiro Feliciano Antônio Falcão.

Em 20/06/2018 no salão verde do Grêmio Líteo Recreativo Português, na praça João Lisboa, área central de São Luís, cidade Patrimônio Cultural da Humanidade, os acadêmicos foram empossados.

Patrono da Academia: Brigadeiro Feliciano Antônio Falcão (primeiro comandante da Força Policial provincial).

Presidente atual: Cel Carlos Augusto Furtado Moreira.

5) ACADEMIA DE LETRAS DOS MILITARES ESTADUAIS DO PARANÁ (ALMEPAR).

Em 15/03/2018, a convite do membro correspondente da ALMESC, Capitão PMPR João Carlos Toledo Júnior, o Coronel Roberto Rodrigues de Menezes

(presidente da Academia de Letras dos Militares Estaduais de Santa Catarina (ALMESC), participou de uma reunião na sede da Associação da Vila Militar (AVM), para viabilizar a criação da Academia de Letras dos Militares Estaduais do Paraná, em cuja oportunidade, foi explanado sobre a estrutura da entidade e apresentado os pontos fundamentais para a elaboração e conclusão do projeto.

Novas reuniões para a elaboração do Estatuto, do Regimento Interno e outros assuntos administrativos, recepção pela Comandante Geral da PMPR, à época, para ser inteirada do andamento do projeto, posse da diretoria provisória, antecederam a noite de 28/08/2018 quando na Universidade Curitiba, 18 acadêmicos tomaram posse nas suas respectivas cadeiras, durante a cerimônia de fundação da Academia de Letras dos Militares Estaduais do Paraná (ALMEPAR), cujo ato foi presidido pela Comandante-Geral da PMPR, Cel Audilene Rosa de Paula Dias Rocha e pelo Secretário Chefe da Casa Militar, Cel Maurício Tortato. A criação da ALMEPAR foi um marco para as comemorações pelos 164 anos da Polícia Militar, por se tratar de uma iniciativa para preservar a história da Corporação e buscar a expansão da produção literária sobre a segurança pública.

Patrono da Academia: Cap PMPR João Alves da Rosa Filho (escritor, diretor do museu da PMPR e membro do IHGPR).

Presidente atual: Cel Antônio Celso Mendes

6) ACADEMIA DE LETRAS DOS MILITARES ESTADUAIS DO BRASIL E DO DISTRITO FEDERAL (ALMEBRAS)

No ano de 2018, na sede da Associação Capitão Osmar Romão da Silva (ACORS), em Florianópolis, começou a se desenvolver o projeto de criação de uma Academia Nacional de Polícia e Bombeiros, na nobre arte da Literatura. A Federação Nacional de Entidades de Oficiais, sob a liderança do Coronel Marlon Jorge Teza, uniu-se ao Coronel Sérgio Luís Sell, da entidade de classe de oficiais catarinenses.

A ALMESC já era realidade há quase seis anos, e por isso foi chamado o seu presidente, Cel Roberto Rodrigues de Menezes. As tratativas foram se viabilizando, num contato inicial com representantes da Academia Brigadiana de Letras.

Em Brasília se contactou o Coronel José do Espírito Santo, da Academia de Letras João Guimarães Rosa, da PMMG.

Em agosto, foi fundada a Academia de Letras dos Militares Estaduais do Paraná (ALMEPAR). Esses quatro estados da Federação estavam então unidos, para a consecução do projeto. Viriam ainda São Paulo, Rio de Janeiro, Goiás, Paraíba, Distrito Federal e Tocantins. E no dia 10/10/2018, foi fundada e instalada a ALMEBRAS, Academia de Letras dos Militares Estaduais do Brasil e do Distrito Federal, com sua sede em Brasília.

Patronos da Academia: Alferes Joaquim José da Silva Xavier (Tiradentes) e Dom Pedro II.

Presidente atual: Cel PMSC Roberto Rodrigues de Menezes.

ACADÊMICOS EMPOSSADOS E SEUS PATRONOS

Acadêmico Carlos Augusto Furtado Moreira, nasci em 24/11/1961, filho do Sgt José de Ribamar Moreira e da Sra. Isabel Furtado Moreira, ainda muito jovem,

inicie os meus escritos, primeiramente quadrinhas, depois acrósticos, pequenos poemas, o que me despertou para as letras.

Nos idos de 1981 ao frequentar o Curso de Formação de Sargentos no Centro de Formação e Aperfeiçoamento de Praças da Polícia Militar do Maranhão, lancei-me a uma nova investida, participar do concurso para compor a canção daquela escola militar, saí-me vencedor. Passados quase 4 décadas, um dos meus maiores orgulhos é ouvir entoado por policiais militares que por ali passam, a canção do CFAP querido.

Entre 1985/1987, ao frequentar o Curso de Formação de Oficiais, fui redator chefe do Jornal “O Espadim” da Academia de Polícia Militar de Minas Gerais e da “Revista Comemorativa dos Aspirantes”, turma 1987. Alí fortaleceu o desejo de continuar a escrever, pois, percebi que o então Comandante da APMMG, Cel Klinger, estimulava os integrantes da corporação a submeter suas produções a equipe editorial da Revista “O Alferes” e àqueles trabalhos que fossem reconhecidos como Trabalho Técnico Profissional, além de serem publicados, recebiam o apoio institucional.

Retornando a São Luís, não conseguir pelas três décadas seguintes juntar um número de interessados em fundar um Sodalício e assim passei a escrever artigos técnicos, científicos, opinativos e publicá-los em periódicos, revista especializadas, sites, criando o blog Coronel Furtado, onde hospedei minhas produções, coordenando a publicação de Revistas das Turmas de Aspirantes da Academia de Polícia Militar Gonçalves Dias. Coordenei a publicação da revista da Academia Maranhense de Ciências, Letras e Artes Militares, estruturei a AMCLAM e possuo três obras prontas a serem lançadas brevemente.

Sou graduado em História Licenciatura; Direito Bacharelado; Especialista em Gestão Estratégica em Defesa Social; Especialista em Cidadania, Direitos Humanos e Gestão da Segurança Pública.

Cadeira nº 19 - Brigadeiro Feliciano Antônio Facão, ludovicense nascido em 31/05/1810, filho do brigadeiro Manuel Antônio Falcão que em virtude do posto e dos encargos que possuía no Exército Português, residia com a família no Quartel do Campo do Ourique (5º Batalhão de Infantaria). Veio ao mundo pelas mãos do Cb Antônio Barqueiro, em razão da parteira ter-se atrasado.

São nas palavras do Dr. Antônio Henriques Leal, autor da obra Pantheon Maranhense – Ensaio Biographicos, publicado pela Imprensa Nacional de Lisboa em 1874, a descrição dos motivos ensejadores que rodeavam Falcão para seguir a carreira militar: *“..estava, pois predestinado a seguir as armas, a que o attrahiam os mui poderosos incentivos que o rodeavam: a família, cujo chefe era militar; o lugar onde folgava – destinado para os exercícios das tropas; seus brincos – as balas e os canhões; a musica que o despertava e o acalentava – os toques das cornetas e dos clarins, o rufar dos tambores, o estrondo da artilheria, e os gritos das sentinelas: o ambiente, por fim, que muitas vezes respirava n’essa atmosfera impregnada de fumo da pólvora.”*

Em razão de suas qualidades profissionais, aos três anos já havia sentado praça e sido reconhecido como Cadete (26/10/1813), aos 10 anos promovido a Alferes (04/07/1820), aos 13 anos a Tenente (12/10/1823), aos 15 anos a Capitão (03/05/1825), aos 29 anos a major (9/10/1839), aos 31 anos, a tenente coronel (18/07/1841, cuja efetividade foi confirmada em 07/12/1842), aos 38 anos, a Coronel por distinção (18/11/1849), aos 42 anos a Brigadeiro (03/03/1852).

Com o Projeto de Lei, criando na Província do Maranhão, um Corpo de Polícia e convertido na Lei Provincial nº 21 de 17 de junho de 1836, sancionada pelo presidente Antonio Pedro da Costa Ferreira (depois Barão de Pindaré) que é a gênese da atual POLÍCIA MILITAR DO MARANHÃO.

Feliciano Falcão foi nomeado por Portaria de 23 de junho de 1836 e comandou a força policial até 30 de novembro de 1841. Em sua biografia, consta: *"... a força provincial podia servir de modelo em todos os sentidos, e nem invejava ao melhor corpo de linha. Era uma garantia e segurança para todos, um auxiliar poderoso no descobrimento de criminosos, na execução das ordens do governo, na manutenção da tranquilidade pública. Todas as horas d'este brioso militar, todas as suas vigílias, cuidados e cogitações empregava-os nos negócios d'esse Batalhão, que creára, organisára e instruíra. Sem embargo de ser seu filho mimoso, nem por isso o tractava com mais indulgencia e vigiava menos para que não descahisse um apice sequer. Tudo passava por suas vistas e mãos, e de tudo cuidava – do rancho, do fardamento, do soldado na moléstia: attendia às queixas d'elles e ás dos particulares, e ai do que incurria no seu desagrado por quebra de disciplina, por abusos ou por frouxidão; que não havia dobrar o justiceiro comandante para que aliviasse o delinquente do castigo que lhe marcava! Quem não viu ou não soube que Falcão, nas noites escuras e tempestuosas, por baixo de chuva e descalço, a fim de que não o pressentissem, rondava as ruas da cidade para observar se as sentinelas estavam a postos e as rondas nas suas diligencias? Dahi também ganhou esse Corpo tamanha confiança e fama que ninguém se atrevia a afrontar as leis em presença de um soldado de polícia, e era bastante um ou dous para que qualquer ajuntamento de povo se contivesse nos limites da ordem ou se dispersasse quando lhe era isso intimado. Que distancia immensa não vae do Corpo de Policia comandado por Falcão do que foi ele depois? Que de transformações se têm operado n'elle de então para cá!...*

Após o comando do Corpo de Polícia, desempenhou funções de destaque no Império, sendo condecorado com as mais altas distinções.

Acadêmico Raimundo de Jesus Silva, nasceu no dia 26 de novembro de 1961, na cidade de São Luís, Estado do Maranhão, filho de Nezilda de Jesus Silva e Bernardino Pereira da Silva. Órfão de mãe aos quatro anos de idade e órfão de pai aos 14 anos, sem tios e primos, viveu a infância com muita simplicidade ao lado de duas irmãs e dois irmãos.

Em 1980, aos dezoito anos de idade passou no concurso da Marinha do Brasil para frequentar a Escola de Aprendizes de Marinheiro, em Recife/PE, porém, desistiu de viajar para tentar o concurso de Sargentos da Polícia Militar do Maranhão (PMMA). No ano seguinte, ingressou concursado na PMMA no Curso de Formação de Sargentos (CFS).

Em 1986, após passar em primeiro lugar no concurso de Oficiais da PMMA, deslocou-se para Recife, a fim de frequentar por três anos o Curso de Formação de Oficiais PM (CFO), na Academia de Polícia Militar do Paudalho em Pernambuco (APMPE). Em 1989 foi declarado Aspirante-a-Oficial PM, foi promovido a todos os postos da carreira chegando ao Coronelato.

Graduou-se em Geografia Licenciatura, em Direito Bacharelado; Especializou-se em Segurança Pública, Direitos Humanos e Cidadania, em Metodologia do Ensino Superior, em Gestão Estratégica em Defesa Social e em Ciências Jurídicas. Mestre em Ciências da Educação.

Coautor do Livro: "Polícia Militar do Maranhão: apontamentos para sua

história”.

Cadeira nº 20 - Manuel Francisco Pacheco, o jovem, Fran Paxeco aliava ao vigor dos seus 26 anos de idade, um tirocínio, uma visão de mundo e uma cultura que se revelaram imprescindíveis à movimentação da vida são-luisense, sob os mais diversos aspectos.

Em todas as iniciativas relevantes tomou parte e de muitas foi o impulsionador: fundação da Oficina dos Novos, da Academia Maranhense de Letras, da Legião dos Atenienses e de numerosas outras instituições culturais; palestras literárias, cortejos e homenagens cívico-culturais, instituição da Universidade Popular, do Curso de Direito, revigoramento e reorganização da Associação Comercial do Maranhão, luta por modernos meios de transporte, pelo incentivo à agropecuária, pela criação de um parque industrial, pela melhoria dos serviços de saúde, pela urbanização da cidade. E tudo isso de par com atividades no magistério público e particular, com diuturna atuação na imprensa, com viagens e trabalhos na Amazônia, com a publicação de livros, com idas ao Rio de Janeiro e a Portugal.

Na imprensa maranhense deixou uma colaboração tão diversificada e ao mesmo tempo copiosa, que ainda hoje aguarda e reclama a seleção temática da qual resultarão seguidos volumes de interesse para o estudo da vida maranhense. Tais volumes viriam somar-se às obras maranhenses desse autor de vasta bibliografia que compreende assuntos tão variados quanto foram os campos de interesse de seus estudos.

Acadêmico Sebastião Bispo Lopes, nasceu em 20 de janeiro de 1945 em Bequimão/MA.

É licenciado em Física Licenciatura pela Universidade Federal do Maranhão (UFMA). Professor Emérito de física do Estado do Maranhão; Fundador do Jardim de Infância Jean Piaget em São Luís; Criou a Secretaria Municipal de Segurança Pública do Município de Bequimão, oportunizando a jovens: Escolinha de Futebol, Escola de Música e Guarda Mirim; Comandante da Guarda Municipal de São Luís (1993 a 1996); Autor do projeto de lei municipal que dispõe sobre a forma e a apresentação dos “Símbolos Municipais” no Município de Bequimão; Secretário Municipal e Comandante da Guarda Municipal de São Luís -1993 a fevereiro de 1996; Secretário do Município de Bequimão/MA – janeiro de 2004 a agosto de 2007 e de janeiro de 2009 a abril de 2012.

Possui as seguintes obras publicadas: - Coronel Lopes “Uma experiência de vida” – biográfico (2015); - Bequimão “Uma Evolução Histórica” (2017) e - Segurança pública – História – Situação Atual e Sugestões (2019).

Cadeira nº 21 – Antônio Gonçalves Dias, nasceu em 10/08/1823 no sítio Boa Vista, em terras de Jatobá (a 14 léguas) de Caxias/MA e morreu aos 41 anos em um naufrágio do navio *Ville de Bolougne*, próximo à região do baixo de Atins, na baía de Cumã, município de Guimarães/MA em 03/11/1864.

Foi um poeta, advogado de formação, jornalista com importante atuação, em cuja área encontra-se colaboração de sua autoria na Revista Contemporânea de Portugal e Brasil (1859-1865), etnógrafo e teatrólogo tendo escrito quatro peças.

Um grande expoente do romantismo brasileiro e da tradição literária conhecida como "indianismo", ficou famoso por ter escrito o poema "Canção do Exílio" — *um dos poemas mais conhecidos da literatura brasileira* —, o curto poema épico *I-*

Juca-Pirama e muitos outros poemas nacionalistas e patrióticos que viriam a dar-lhe o título de poeta nacional do Brasil. Foi um ávido pesquisador das línguas indígenas e do folclore brasileiro.

É o patrono da cadeira 15 da Academia Brasileira de Letras e da cadeira nº 13 da Academia Maranhense de Ciências, Letras e Artes Militares.

Não obtendo resultados retornou ao Brasil em 1864 no navio *Ville de Boulogne*, que naufragou na costa brasileira; salvaram-se todos, exceto o poeta, que foi esquecido, agonizando em seu leito, e se afogou.

A sua obra enquadra-se no Romantismo, pois, a semelhança do que fizeram os seus correlegionários europeus, procurou formar um sentimento nacionalista ao incorporar assuntos, povos e paisagens brasileiras na literatura nacional. Ao lado de José de Alencar, desenvolveu o Indianismo. Pela sua importância na história da literatura brasileira, podemos dizer que Gonçalves Dias incorporou uma ideia de Brasil à literatura nacional.

Acadêmico José Walber Rufino Tavares, coronel da reserva remunerada do Corpo de Bombeiros Militar do Estado da Paraíba, graduado em Engenharia de Segurança, especialista em Combate a Incêndio e Salvamento, em Técnicas de Intervenção e Salvamento em Catástrofes; e, em Gestão Contra Sinistros e Doutor em Ciências Policiais de Segurança e Ordem Pública.

Atuação principalmente como docente presencial e virtual (Tutoria) em cursos relacionados aos temas: bombeiro civil, defesa e proteção civil, legislação e história com ênfase na atividade policial e bombeiro militar, proteção contra incêndios, emergência em desastres e catástrofes, planos de emergência, Sistema de Comando de Incidentes, docência virtual e segurança do trabalho.

Mais de 30 anos de experiência em Gerência em Gestão de Planejamento em Ensino e Operações Policiais e Bombeiros Militares, responsável pela implantação de vários Sistemas de Controle Administrativo, Matriz de Competências, Mapeamento de Riscos e de Processos da Cadeia Produtiva em Órgãos de Segurança Pública a partir da árvore das causas.

Com vários cursos de especialização na área de proteção e defesa civil realizados no Brasil e no exterior não somente nas atividades definidas em Lei, mas também, com competência para a formação de núcleos e coordenadorias municipais de defesa civil.

Cadeira nº 22 – Patrono Cel Aristarco Pessoa Cavalcanti de Albuquerque, Coronel do Exército Brasileiro. Patrono do Corpo de Bombeiros Militar da Paraíba. Nasceu 04/08/1879, na cidade de Umbuzeiro, região do planalto do Borborema, Paraíba, filho do Sr. Cândido Clementino Cavalcanti de Albuquerque e da Sra. Maria de Lucena Pessoa Cavalcanti de Albuquerque, tendo como irmãos João Pessoa (Presidente da Estado, 1928-1930), José Pessoa (Marechal do EB), Cândido Pessoa (Deputado Federal, 1927/30-1934/36); Osvaldo Pessoa (Prefeito da Capital 'Parahyba', 1950-1952); e mais cinco irmãos Joaquim, Priscila; Sebastiana; Henriqueta e Antonio completando a honrosa família Pessoa Cavalcanti de Albuquerque.

Teve como esposa a Sra. Nair Pessoa Cavalcanti de Albuquerque em cujo relacionamento foi pai Henrique Cândido e Maria Thereza. Depois de concluir os estudos básicos, Aristarco seguiu a carreira militar de seu avô, ingressando no Exército Brasileiro sendo declarado Alferes em fevereiro de 1907; segundo-tenente

em 1908; primeiro-tenente em 1917, capitão em 1921; major em 1926 tenente-coronel em 1930 e por fim, coronel em maio de 1931, donde passou a comandar o Corpo de Bombeiros Militar do Estado do Rio de Janeiro até 31 de outubro de 1945, chegando a falecer em 05/10/1949.

Durante seu comando à frente do Corpo de Bombeiros Militar do Rio de Janeiro, em 1931 ajuda, a pedido do Governo Intervencionista do revolucionário paraibano Antenor de França Navarro, próximo de José Américo de Almeida, no restabelecimento do Corpo de Bombeiros da Paraíba, doando matérias, veículos, equipamentos e uniforme para que houvesse mais segurança em no Estado, posto que, os bombeiros em 1930, devido a precárias condições, foi extinto e seu efetivo retornado à Força Pública Estadual.

Não somente por essa e outras benfeitorias feitas a vários corpos de bombeiros do Brasil, mas, sobretudo, considerando que deveria ser cultuada a memória daquele ilustre homem público, foi que por meio do Decreto 8.444, de 10 de abril de 1980, no Governo do Dr. Tarcísio de Miranda Burity, ouvidos sugerido pelo Coronel PM Geraldo Cabral de Vasconcelos e pelo Dr. Geraldo Amorim Navarro, Secretário de segurança na Paraíba que o CORONEL ARISTARCO PESSOA CAVALCANTI DE ALBUQUERQUE é considerado o Patrono do Corpo de Bombeiros Militar da Paraíba.

Senhoras e Senhores, não sou um acadêmico amante de discursos longos, entretanto, imbuído da responsabilidade em falar em nome dos meus fraternos companheiros e aproveitando a oportunidade para trazer à baila informações sobre os mais longínquos Silogeus que já existiram e ainda existentes, tive que fazer esse passeio histórico iniciando pelas ACADEMIAS LITERÁRIAS NO MUNDO, INSTITUIÇÕES LITERÁRIAS NO BRASIL, ACADEMIAS LITERÁRIAS MILITARES DOS ESTADOS BRASILEIROS, para finalmente traçar resumidamente a biografia dos Acadêmicos que ora tomam posse e os patronos que engrandecem suas cadeiras. Agradecido por terem me ouvido.

Desejo a todos uma boa noite. Muito obrigado.

Brasília – DF, 09 de outubro de 2019


Carlos Augusto Furtado Moreira
Acadêmico